

RESUMO DO ANO AGRÍCOLA 2024/2025

QUADRO DA PRODUÇÃO VEGETAL

Maio de 2026

CCDR
NORTE
Agricultura



Divisão de Programas e Avaliação

Divisões Territoriais da CCDR-N, IP

FICHA TÉCNICA

Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Rural do Norte, I.P.

Unidade de Desenvolvimento Rural, Agroalimentar e Pescas

Divisão de Programas e Avaliação

Equipa Técnica

Anabela Coimbra

Aurora Alves

Isabel Correia

Jerónimo Côrte-Real Santos

Joaquim Moreira

Maria Laura Cruz

Miguel Martins

Paulo Guedes

Sandra Coelho

Suzana Antunes Fonseca

Coordenação

José Manuel Vieira

Resumo

O ano foi classificado como **muito quente e muito chuvoso**, com 60 a 90% do território nacional a manter-se em seca meteorológica entre os meses de julho e outubro.

Em 2025, a atividade agrícola na Região Norte foi muito afetada pelas condições meteorológicas, resultado de um verão muito quente e seco, com registo de 6 ondas de calor, e da ocorrência de vários episódios de tempestades e depressões, que trouxeram ventos forte e queda de neve.

Estes fenómenos atrasaram a realização de diversas atividades agrícolas e causaram diversos estragos e prejuízos aos produtores. A ocorrência, em agosto, de incêndios de grande intensidade provocou a destruição de vastas áreas agrícolas, afetando todo o tipo de culturas, de onde destacamos o castanheiro, com particular impacto nos Soutos da Lapa, a amendoeira e os olivais para azeitona de mesa e para azeite.

Por motivos fitossanitários, registou-se a perda de parte da produção de algumas culturas: a vinha, nomeadamente na Região Demarcada do Douro, a batata e o pêsegue.

As culturas forrageiras foram as principais beneficiadas com a precipitação intensa que se verificou na primavera, registando-se aumento da produção total.

Os níveis de armazenamento e retenção de água para rega foram elevados, assegurando as necessidades das culturas irrigadas.

Índice

1. Estado do tempo e sua influência na agricultura	6
2. Cereais para grão	13
2.1 Entre Douro e Minho	13
2.2 Trás-os-Montes	19
3. Batata	21
3.1 Entre Douro e Minho	21
3.2 Trás-os-Montes	22
4 Proteaginosas	24
4.1 Entre Douro e Minho	24
4.2 Trás-os-Montes	24
5 Frutos frescos	24
5.1 Entre Douro e Minho	24
5.2 Trás-os-Montes	29
6 Frutos de casca rija	35
6.1 Entre Douro e Minho	35
6.2 Trás-os-Montes	37
7 Uva para vinho e de mesa	45
7.1 Entre Douro e Minho	45
7.2 Trás-os-Montes	47
8 Azeitona para azeite e de mesa	50
8.1 Entre Douro e Minho	50
8.2 Trás-os-Montes	52
9 Prados, pastagens e culturas forrageiras	55
9.1 Entre Douro e Minho	55
9.2 Trás-os-Montes	57
10 Fitossanidade	60
10.1 Entre Douro e Minho	60
10.2 Trás-os-Montes	63

1. Estado do tempo e sua influência na agricultura

De acordo com os registos do IPMA¹, e na sequência do que ocorreu no ano anterior, 2025 foi considerado o 5º ano mais quente desde 1931.

As médias das temperaturas do ar também alcançaram valores mais elevados, com a máxima a situar-se nos 22,11°C e a mínima em 10,84°C. Registaram-se 60 novos extremos da temperatura máxima e 42 novos extremos da temperatura mínima do ar.

Em 2025 Portugal foi assolado por 6 ondas de calor – uma na primavera, três no verão e duas no outono – sendo que a onda de calor de julho/agosto foi considerada a **mais longa de sempre** para as regiões do Interior Norte e Centro.

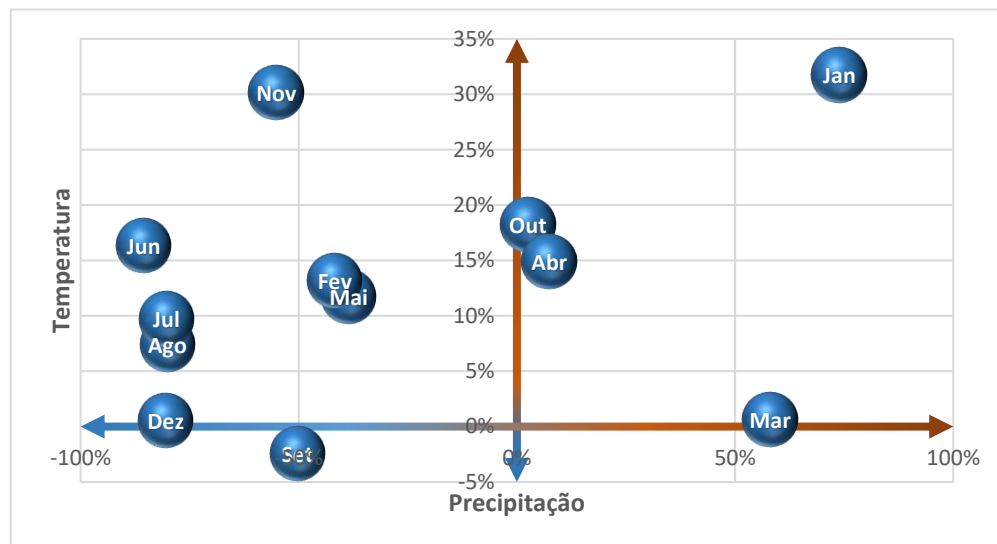


Gráfico 1. Desvio relativo da temperatura média do ar e da precipitação acumulada entre novembro de 2024 e outubro de 2025, face às normais climatológicas (1971-2000).

Paralelamente, este foi um ano muito chuvoso – o 3º mais chuvoso do milénio – com o total de precipitação anual a atingir os 1064.8mm, com 57% dos extremos a registarem-se nos meses de janeiro e novembro (ver figura 2).

¹ Instituto Português do Mar e da Atmosfera

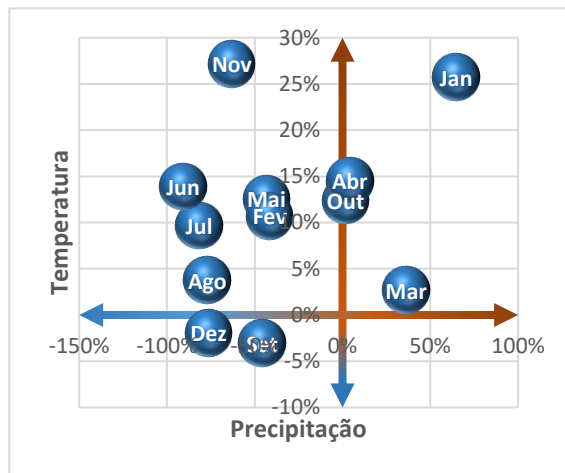


Gráfico 2. Desvio relativo da temperatura média do ar e da precipitação acumulada no EDM entre novembro de 2024 e outubro de 2025, face às normais climatológicas (1971-2000).

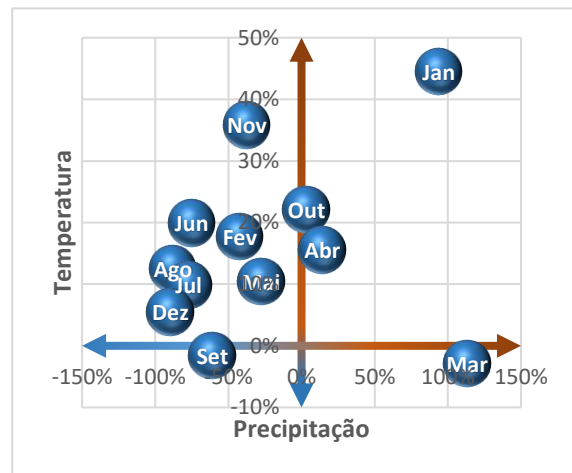


Gráfico 3. Desvio relativo da temperatura média do ar e da precipitação acumulada em TM entre novembro de 2024 e outubro de 2025, face às normais climatológicas (1971-2000).

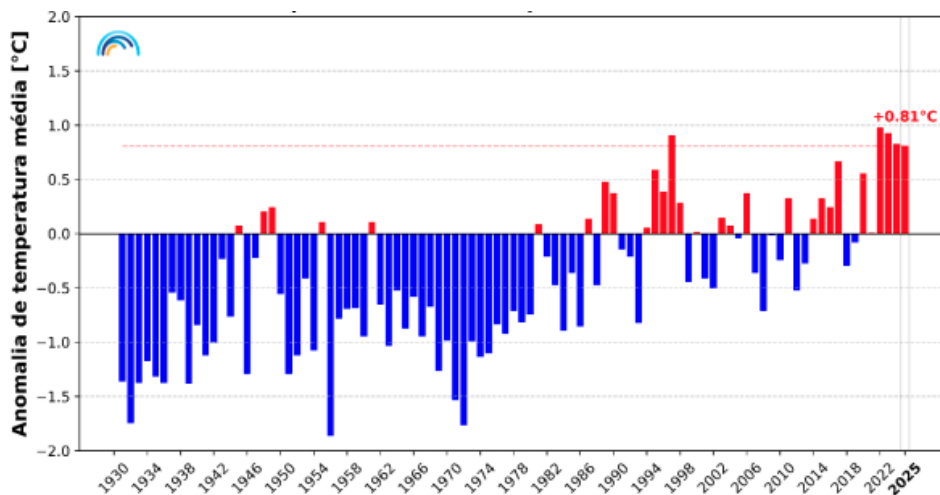


Figura 1. Anomalias da temperatura média anual, em Portugal Continental, em relação aos valores médios de 1991-2020

Fonte: Extraído de Boletim Clima Anual 2025, IPMA

Em resultado destas condições, e apesar do índice de seca ter permanecido em valores considerados normais em alguns períodos, 60 a 90% do território esteve em seca meteorológica entre os meses de julho e outubro, com o ano a ser classificado como **muito quente e muito chuvoso, apesar de um verão seco**, com os efeitos de seca edáfica a serem evidentes no terreno, sobretudo nas culturas permanentes.

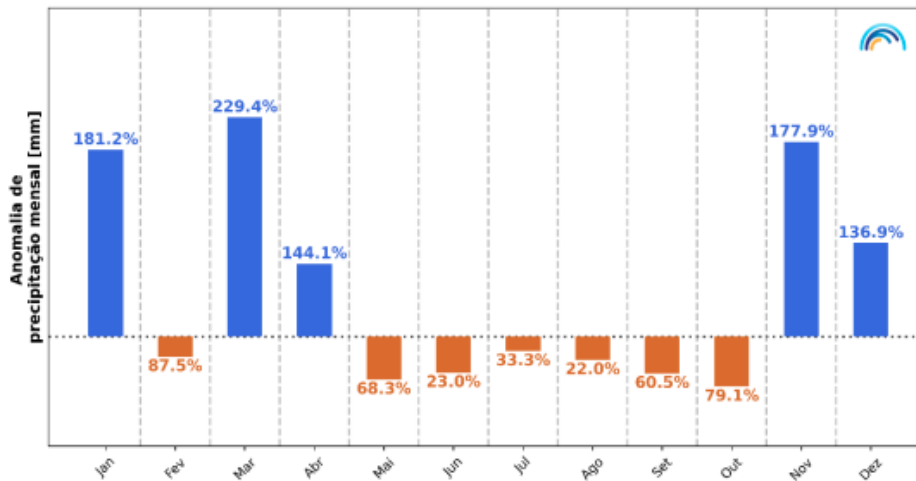


Figura 2. Desvios, em relação ao valor médio 1991-2020, do total de precipitação anual em 2025
 Fonte: Extraído de Boletim Clima Anual 2025, IPMA

Parâmetro	Valor, local e data
Menor valor da temperatura mínima	-8.1°C em Miranda do Douro, dia 15 de janeiro
Maior valor da temperatura máxima	46.6°C em Mora, dia 29 de junho
Maior valor da quantidade de precipitação em 24h	117.0mm na Guarda, dia 13 de novembro
Maior valor da intensidade máxima do vento (rajada)	169.2 km/h, no Cabo da Roca, dia 20 de março

Quadro 1. Valores extremos (00-24h) de temperatura do ar, precipitação e vento em 2025, Portugal Continental
 Fonte: Extraído de Boletim Clima Anual 2025, IPMA

Os mapas da figura 3, conjuntamente com a informação anteriormente descrita, permitem não só uma leitura detalhada das condições agrometeorológicas na Região Norte durante o ano de 2025, mas também a perceção de como evoluíram as principais culturas agrícolas existentes, em termos sanitários e produtivos.

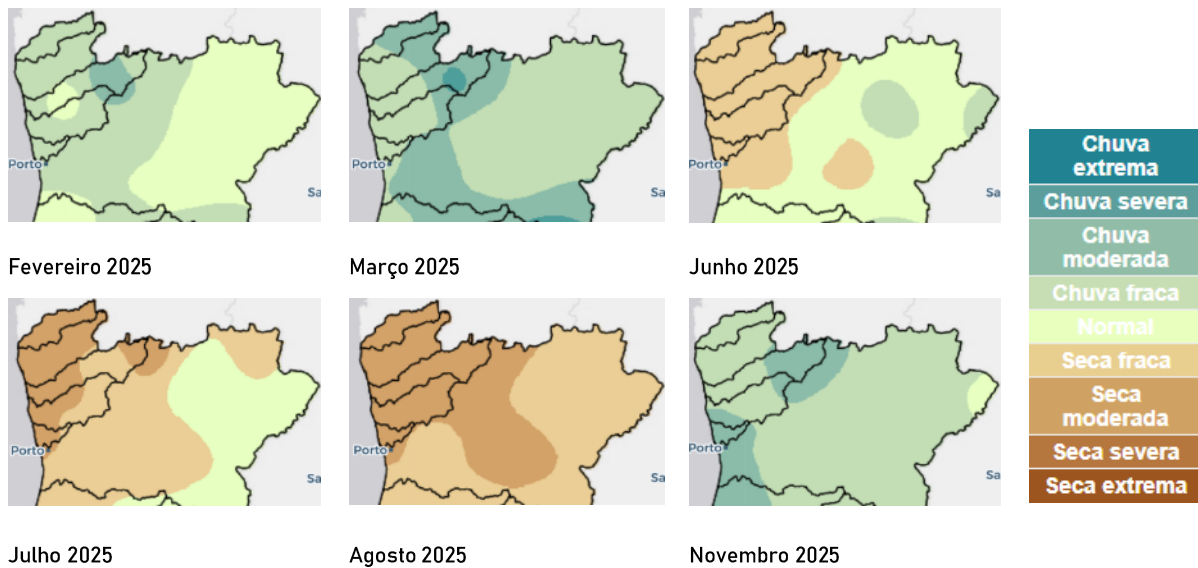


Figura 3. Índice PDSI registado durante o ano agrícola de 2024/2025

Fonte: <https://www.ipma.pt/pt/oclima/observatorio.secas/pdsi/monitorizacao/servico.situacaoatual/>

De janeiro a abril, 2025 ficou marcado pela passagem em território nacional de inúmeras tempestades e depressões, com ventos, chuvas fortes e queda de neve, que resultaram em estragos diversos, de onde se destacam os aluimentos de terras, com desabamento de encostas e taludes, encharcamento de parcelas, destruição de estruturas agrícolas (armazéns, estufas, ...) e atraso na realização de vários trabalhos agrícolas.



Figura 4. Caudal do Rio Neiva, Vila Verde, zona de observação do Cávado

Foto por: Maria Laura

O inverno e o início da primavera ficaram marcados por precipitação frequente, temperaturas baixas, períodos de vento forte e solos frequentemente saturados de água (sobretudo em março e abril), o que condicionou a execução de vários trabalhos agrícolas e atrasou algumas sementeiras e plantações, particularmente nas culturas de primavera. Favorecidos com esta disponibilidade hídrica ficaram os prados, as pastagens e as culturas forrageiras.

A instabilidade térmica e a precipitação durante a primavera tiveram efeitos negativos sobre as culturas permanentes, que neste período se encontravam em plena floração e vingamento dos frutos. As plantações de batata e as sementeiras de milho decorreram de forma mais lenta que o habitual, devido ao encharcamento dos terrenos e à dificuldade de entrada das máquinas nos campos.

A primavera chuvosa promoveu o desenvolvimento das doenças criptogâmicas, elevando a necessidade de realização de tratamentos fitossanitários ao longo de todo o ciclo produtivo.

Face à pressão das doenças, esses tratamentos nem sempre foram bem-sucedidos, resultando em perdas de produção de um vasto leque de culturas (de onde se destacam as fruteiras, a vinha e a batata).

Na campanha em análise o armazenamento de água não constituiu problema de maior, com as barragens, os rios, poços, regos, charcas e restantes reservas de água a assegurar o abastecimento das culturas regadas durante todo o ano. Contudo, as culturas tradicionalmente realizadas em modo de sequeiro (como são a amendoeira, o castanheiro ou a oliveira), estiveram sujeitas a situações de stress hídrico e térmico severo no período estival, com consequentes quebras de produtividade em algumas regiões.

Na primeira quinzena do mês de agosto as temperaturas máximas ultrapassaram os 40°C em diversas estações meteorológicas (como é o caso do Vale do Douro, em que esta situação foi recorrente), com a sensação térmica a ser ainda mais elevada.

As temperaturas foram sempre superiores às normais climatológicas, mantendo-se elevadas por vários dias consecutivos e resultando em episódios prolongados de stress hídrico, especialmente em agosto.

O verão quente e seco potenciou a ocorrência de graves incêndios no mês de agosto, que levaram à destruição de vastas áreas de floresta e culturas permanentes – soutos, vinhas, olivais, amendoais, pastagens, entre outros – com a consequente perda de áreas produtivas e do rendimento dos produtores.

Apesar de não ter sido o ano com maior área total ardida, 2025 foi o maior ano de sempre em termos de área agrícola ardida (Figura 4).

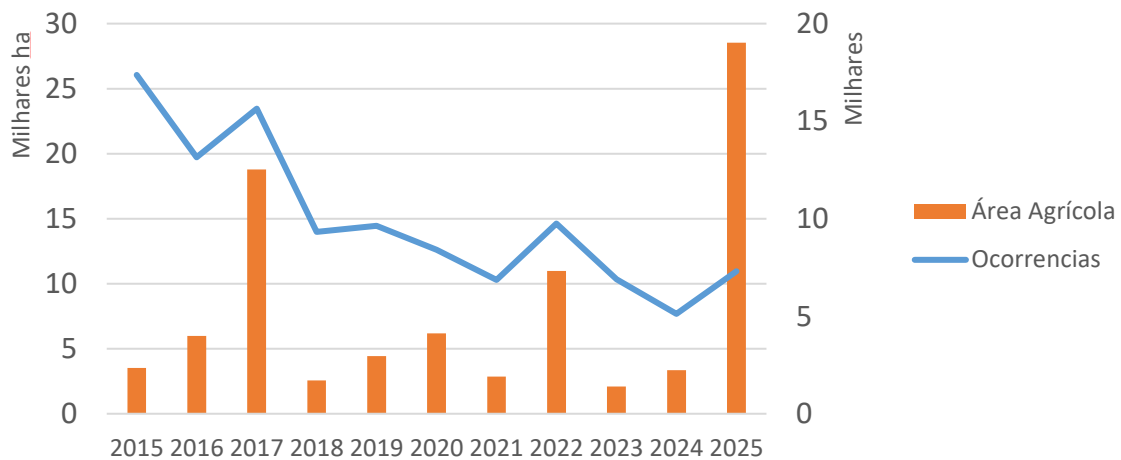


Figura 5. Área Agrícola ardida entre 2015 e 2025
Fonte: ICNF, 2025

As perdas estenderam-se a estruturas construídas (armazéns, estufas), produtos para alimentação animal, apiários e máquinas e equipamento agrícola. Os efeitos destes incêndios têm um reflexo plurianual, afetando a sustentabilidade económica de muitas explorações agrícolas familiares. O impacto ambiental é incalculável, manifestando-se de forma prolongada no tempo e no espaço.



Figura 6. Souto completamente destruído pelo fogo, 26.08.2025, Penedono
Foto por: Suzana Fonseca

Em 02 de agosto de 2025 o Governo emitiu o Despacho n.º 9097-B/2025, colocando o território continental em “*Situação de alerta entre as 00h00 do dia 03 de agosto e as 23h59 do dia 07 de agosto*”, numa tentativa de fazer face às previsões meteorológicas que apontavam para um significativo agravamento do risco de incêndios rurais.

Por força da persistência dessas condições, a situação de alerta foi sucessivamente prorrogada até às 23h59 do dia 19 de agosto de 2025, obrigando à implementação de diversas medidas de carácter excecional.

Este esforço não foi suficiente para evitar os graves incêndios que deflagraram durante esse mês, e a 24 de agosto foi promulgado pelo Conselho de Ministros o Decreto-Lei n.º 98-A/2025, estabelecendo medidas de apoio e mitigação do impacto de incêndios rurais.



Figura 7. Vinha completamente destruída pelo fogo, 26.08.2025, Sernancelhe
Foto por: Suzana Fonseca



Figura 8. Apiário afetado pelo fogo, 25.07.2025, Rabal - Bragança
Fotos por: Anabela Coimbra



Figura 9. Início do incêndio de 25.07.2025, Aveleda - Bragança

Já em setembro e outubro, no Entre Douro e Minho (EDM), a ocorrência de precipitação contribuiu para alguma reposição das reservas hídricas e beneficiou o desenvolvimento do kiwi, dos prados e das pastagens. No entanto, na fase final da campanha – em especial durante a colheita do milho – ocorreram situações de chuva intensa e vento forte, que provocaram queda de plantas, “enlameamento” dos campos e dificuldades acrescidas na colheita.

Em Trás-os-Montes (TM), mais concretamente no Planalto Mirandês, setembro foi um mês ambíguo em que se registaram dias com formação de gelo durante a madrugada, após os quais ocorreu uma onda de calor na região.

O outono foi instável, com precipitação intensa e concentrada (tempestade “Cláudia”), permitindo a recuperação parcial das reservas hídricas.



Figura 10. Lameiro em Mogadouro, na madrugada de 22.09.2025, onde se nota uma leve formação de gelo, situação pouco comum para essa época do ano
Foto por: Miguel Martins



Figuras 11, 12 e 13. Mesma parcela de lameiro em 10.02.2025 (esq.), 10.10.2025 (centro) e 16.12.2025 (dir.), onde é visível que de outubro a dezembro a parcela passou de uma situação de vegetação seca a enchamento do solo.
Fotos por: Miguel Martins

2. Cereais para grão

2.1 *Entre Douro e Minho*

Os cereais praganosos de outono/inverno (trigo, centeio e aveia) continuam a ter reduzida expressão económica, sendo maioritariamente destinados ao autoconsumo e à autoutilização.

As culturas de cereais para grão mantiveram, em 2025, importância decrescente no conjunto das explorações agrícolas, com exceção do milho grão, que continua a desempenhar um papel relevante, ainda que com redução progressiva de área em várias regiões.

Em 2025 a sementeira destas culturas foi condicionada pelas chuvas persistentes do início do ano e decorreu de forma faseada e frequentemente tardia, devido ao encharcamento dos solos no inverno e início da primavera, com repercussões negativas no potencial produtivo.



Figuras 14 e 15. Secagem do centeio em medas, Terras de Bouro (esq.) e Braga (dta), zona de observação do Cávado
Fotos por: Maria Laura

Ao longo da campanha manteve-se a tendência de pouca área, associada ao fraco interesse económico destas culturas, ao envelhecimento dos agricultores e ao facto de a produção se destinar, em grande parte, ao autoconsumo e à autoutilização nas explorações familiares. Ainda assim, o desenvolvimento vegetativo foi, em geral, satisfatório, embora em alguns locais o encharcamento dos solos possa ter afetado o afilamento e o potencial produtivo.

As colheitas realizaram-se sob condições meteorológicas favoráveis, permitindo estimar produtividades idênticas ou ligeiramente superiores às do ano anterior na maioria das zonas de observação, sendo que na zona de observação do Lima as produções foram ligeiramente inferiores. A qualidade do grão foi considerada boa.



Figuras 16 e 17. À esquerda – aveia para grão no início do ciclo vegetativo e com bom afilhamento. À direita – aveia para grão no final da maturação, zona de observação do Minho
Fotos por: Aurora Alves



Figura 18. Centeio em fase de espigamento e maturação da espiga, Terras de Bouro, zona de observação do Cávado
Foto por: Maria Laura

O milho grão continua a evidenciar tendência de diminuição da área semeada, associada ao fraco interesse económico, ao aumento dos custos de produção (semente, energia, mão-de-obra) e ao envelhecimento dos agricultores. Esta redução foi mais acentuada no milho de sequeiro.

As sementeiras de milho, tanto de sequeiro como de regadio, ocorreram de forma generalizada mais tarde que o habitual, com solos saturados e dificuldade de entrada das máquinas nas parcelas. Nas sementeiras mais precoces, o desenvolvimento decorreu de forma favorável, com plantas vigorosas, boa coloração e espigas bem formadas.

No milho de regadio, apesar da sementeira tardia, a disponibilidade de água permitiu, na maioria das situações, um desenvolvimento vegetativo aceitável. Ainda assim, o calor intenso e prolongado do verão, associado à utilização de sistemas de rega pouco eficientes em algumas explorações, bem como o défice de polinização, condicionou a produtividade final, que foi estimada entre idêntica e ligeiramente inferior à da campanha anterior.



Figura 19. Parcela de milho de sequeiro, de sementeira tardia e cuja espiga não se chegou a formar, zona de observação do Minho
Foto por: Aurora Alves



Figura 20. Milho em 23.07.2025, Mancelos - Amarante, zona de observação de Ribadouro
Foto por: Joaquim Moreira



Figuras 21 e 22. À esquerda - colheita de milho grão regional de sequeiro. À direita - secagem de milho grão regional, Terras de Bouro, zona de observação do Cávado
Fotos por: Maria Laura

No milho de sequeiro os efeitos do verão muito quente e seco foram mais gravosos. Verificaram-se situações de stress hídrico acentuado, défice de polinização e, em solos mais ligeiros, parcelas com fraca formação da espiga ou mesmo ausência de grão. Nestes casos registaram-se quebras significativas de produtividade, variando amplamente em função da capacidade de retenção do solo e da data de sementeira. Continuaram a assinalar-se estragos provocados por pássaros e javalis, sobretudo na fase de sementeira, obrigando à realização de ressementeiras pontuais. Em algumas regiões registaram-se também dificuldades persistentes no controlo de insetos do solo.



Figura 23. Milho de sequeiro, Lanheses – Viana do Castelo, zona de observação do Lima



Figura 24. Milho de regadio, zona de observação do Lima

Fotos por: Sandra Coelho

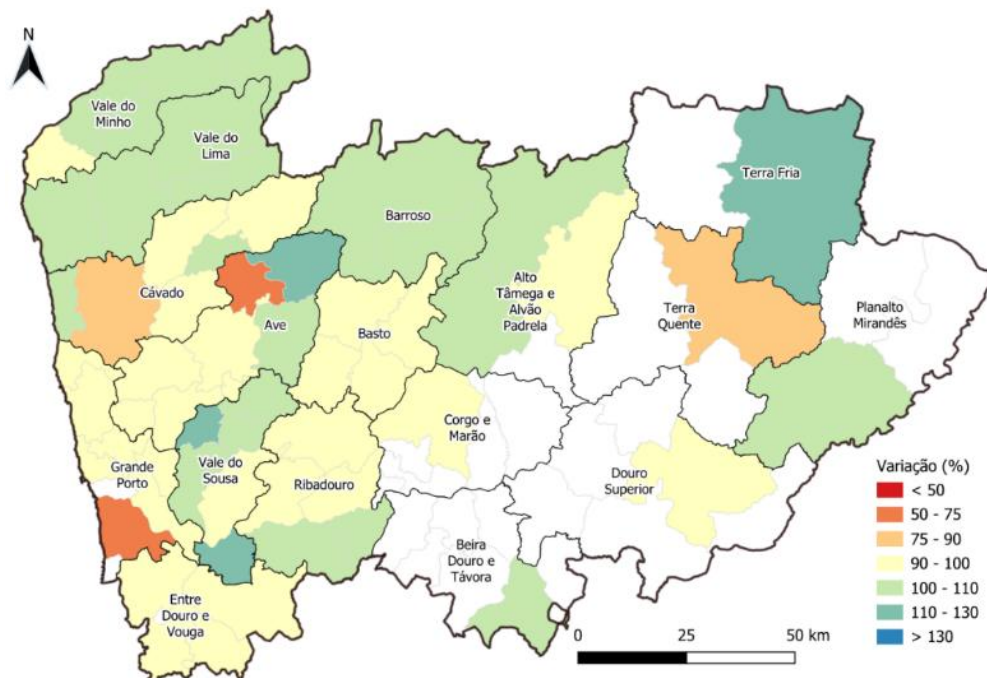
As colheitas decorreram, na generalidade, em boas condições meteorológicas, com tempo seco e temperaturas elevadas, fator que beneficiou a secagem natural do grão e a qualidade do produto final. No entanto, em determinados períodos, episódios de chuva intensa e vento provocaram acamamento de plantas e dificuldades acrescidas na colheita.

Em muitas explorações familiares, mantém-se também a consociação tradicional do milho com o feijão, embora esta prática esteja em regressão.



Figura 25. Consociação de milho e feijão, Santa Cruz do Lima – Ponte de Lima, zona de observação do Lima
Foto por: Sandra Coelho

Em síntese, a campanha de 2025 caracterizou-se por uma área de milho grão idêntica ou inferior à de 2024. Produtividades heterogéneas, penalizadas no sequeiro e mais estáveis no regadio. Manutenção da tendência estrutural de retração da cultura, sobretudo nas pequenas explorações.



Mapa 1 – Evolução da produtividade de milho grão de regadio por concelho (%), relativamente à média do quinquénio 2021-2025

2.2 Trás-os-Montes

A campanha de 2025 decorreu em boas condições, com os principais cereais praganosos a beneficiar da presença de água no solo e a desenvolverem-se em boas condições vegetativas e sanitárias.

No **Planalto Mirandês** o ano ficou marcado por um bom desenvolvimento das principais culturas, que se mantiveram livres de fungos ou pragas.

Os cereais de outono/inverno, como o triticale, o trigo e as aveias, não encontraram obstáculos à germinação, formando cana e grão com sucesso. As áreas e as produtividades foram semelhantes às do ano anterior, resultando em produções também idênticas.



Figuras 26 e 27. Parcela de trigo em 18.11.2024, com pormenor da espiga em 04.07.2025, a poucos dias do corte, Picote- Mogadouro

Fotos por: Miguel Martins



Figuras 28 e 29. Parcela de triticale recém germinado em 21.11.2024 e com pormenor da espiga em 04.07.2025, Sanhoane - Mogadouro

Fotos por: Miguel Martins

No relatório da Estrutura Local de Apoio (ELA) Douro Internacional, Sabor, Maçãs e Vale do Côa, o estado vegetativo dos cereais praganosos ao longo da campanha ficou descrito como “em muito bom estado vegetativo”.

Na Terra Fria a campanha dos cereais também decorreu com normalidade e regista-se uma produtividade de palha e grão de excelente qualidade, a que se somou uma área semeada estável, predominantemente para auto utilização nas explorações pecuárias.



Figura 30. Centeio, 12.06.2025, Vila Meã – Bragança
Fotos por: Anabela Coimbra



Figura 31. Centeio, 13.06.2025, Travanca – Vinhais

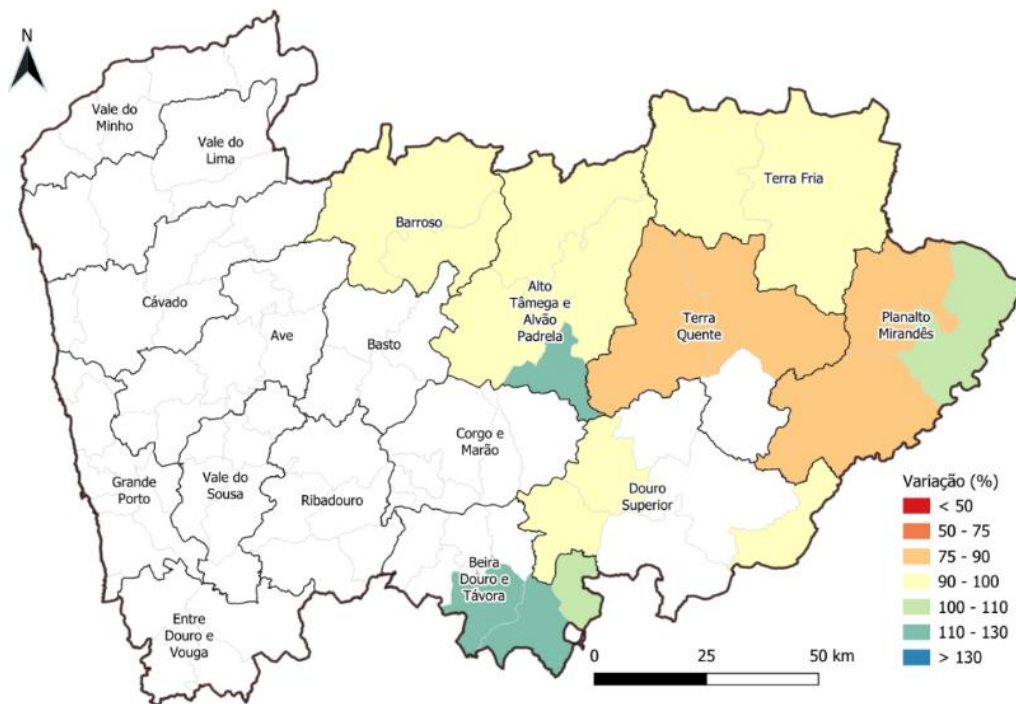


Figura 32. Aspeto do centeio para comercialização, 2025, Bragança
Fotos por: Anabela Coimbra



Figura 33. Aspeto dos rolos de palha, agosto de 2025, Bragança

De um modo geral, e seguindo a tendência dos últimos anos, 2025 foi um ano onde se registou uma diminuição da área semeada com cereais em Trás-os-Montes, com a cevada a encabeçar a maior variação (-16,3%), seguida de perto pelo trigo mole (-13,7%). O motivo é semelhante e prende-se com o desinteresse dos produtores por estas culturas, devido aos baixos preços praticados e à redução do efetivo pecuário, uma vez que parte da produção é utilizada para a alimentação animal.



Mapa 2 - Evolução da produtividade de centeio grão por concelho (%), relativamente à média do quinquénio 2021 -2025

3. Batata

3.1 Entre Douro e Minho

Na campanha de 2025 a plantação de batata no Entre Douro e Minho decorreu de forma faseada e mais tarde do que o habitual, devido ao excesso de humidade nos terrenos na primavera.

Neste ano verificou-se uma ligeira diminuição da área plantada, fortemente associada pelo aumento do custo e escassez da batata de semente (à semelhança da campanha anterior), algumas questões relacionadas com a sua qualidade e capacidade de conservação, falta de mão-de-obra e idade avançada de muitos agricultores.

Na batata de sequeiro, o stress térmico e hídrico do verão levou à obtenção de tubérculos de calibres pequenos a médios e a produtividades idênticas ou inferiores às do ano anterior.

Na batata de regadio, apesar de um desenvolvimento vegetativo razoável, os ataques de Míldio da batateira (*Phytophthora infestans*) e a redução da área condicionaram a produção final.



Figura 34. Parcela de batata de sequeiro, com bom aspeto vegetativo e sem sintomas de problemas fitossanitários, zona de observação do Minho
Foto por: Aurora Alves



Figura 35. No pós-colheita, em armazenamento doméstico, continua a dificuldade no controlo do abrolhamento e da Traça, devido à falta de soluções eficazes, zona de observação do Grande Porto
Foto por: Isabel Correia

No conjunto, a produção na campanha de 2025 foi semelhante ou ligeiramente inferior à anterior, com orientação predominante para o autoconsumo.

3.2 Trás-os-Montes

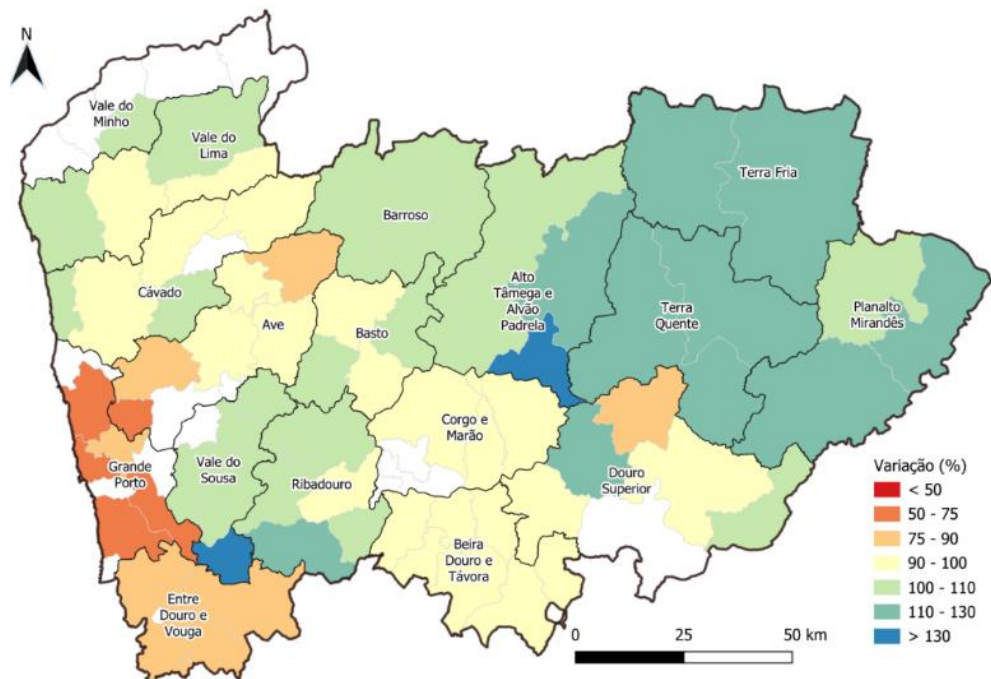
Em 2025 a área plantada com batata em TM sofreu uma redução na ordem dos 11%, por comparação com a área do ano anterior.



Figura 36. Plantação de batata de sequeiro, 17.06.2025, Meixedo – Tarouca
Foto por: Suzana Fonseca

Por motivos de ordem meteorológica a plantação foi realizada cerca de duas semanas mais tarde que o normal, o que se traduziu numa menor produtividade e produção da batata de sequeiro. No que diz respeito à batata de regadio, verificou-se um ligeiro aumento da produtividade e da produção total.

As condições de humidade ao longo do ciclo produtivo propiciaram o desenvolvimento de Míldio da batateira, reduzindo o potencial de produção e afetando a capacidade de conservação dos tubérculos.



Mapa 3 - Evolução da produtividade de batata de regadio por concelho (%), relativamente à média do quinquénio 2021 -2025

Importa referir que em TM boa parte da batata é produzida nas hortas familiares e tem como destino o autoconsumo. A restante é comercializada essencialmente na Região Norte.

4 Proteaginosas

4.1 *Entre Douro e Minho*

As leguminosas secas, designadamente feijão e grão-de-bico, mantiveram áreas reduzidas e expressão essencialmente familiar. As condições meteorológicas condicionaram o enchimento das vagens em algumas zonas, originando produção idêntica ou ligeiramente inferior à do ano anterior. A comercialização manteve-se limitada.

4.2 *Trás-os-Montes*

Contrariando dados do ano anterior, a área semeada com feijão e grão-de-bico em TM sofreu alguma redução (-16% no feijão e -1% no grão). Trata-se de culturas produzidas essencialmente para autoconsumo dos agregados familiares, onde o incremento registado nos anos anteriores (2023 e 2024) resultou da implementação da medida A.1.2.6. – Pagamento às Proteaginosas e de ajudas à produção integrada e agricultura biológica. Por aquilo que foi possível apurar, parte da produção de feijão, sobretudo feijão-frade, e grão-de-bico não chegou a ser colhida.

Este ano foi contabilizada, pela primeira vez, área de tremçoço-doce (para consumo humano). Em TM a maioria dessa área situa-se na Terra Fria e na Terra Quente, mas parece estar sobrevalorizada no PU 2025 (em resultado dos apoios constantes do Pedido Único), quando na realidade o destino da cultura é a sideração.

5 Frutos frescos

5.1 *Entre Douro e Minho*

Pomóideas e prunóideas

A maçã e a pera apresentaram produção globalmente inferior ou idêntica à de 2024, com quebras associadas a condições adversas durante a floração e o vingamento dos frutos e a problemas fitossanitários. Observou-se grande heterogeneidade entre pomares.



Figura 37. Macieiras em floração em Vila Verde, zona de observação do Cávado
Foto por: Maria Laura

As prunóideas (cereja, pêssigo, ameixa e outras) tiveram comportamento irregular. A floração coincidiu, em muitos casos, com períodos de frio e chuva, originando vingamento deficiente. A produção foi, no geral, modesta, embora superior à campanha anterior em algumas regiões.



Figuras 38 e 39. Cereja, 17.06.2025, Valadares - Baião, zona de observação de Ribadouro
Fotos por: Joaquim Moreira

Citrinos

Os citrinos apresentaram desenvolvimento vegetativo normal a bom e produção global semelhante ou superior a 2024. Persistiram problemas de Mosca-do-Mediterrâneo (*Ceratitis capitata*), Gomose e Míldio dos Citrinos (*Phytophthora* spp.), sobretudo em pomares com reduzida proteção fitossanitária. O escoamento continuou condicionado por preços pouco atrativos.

Kiwis

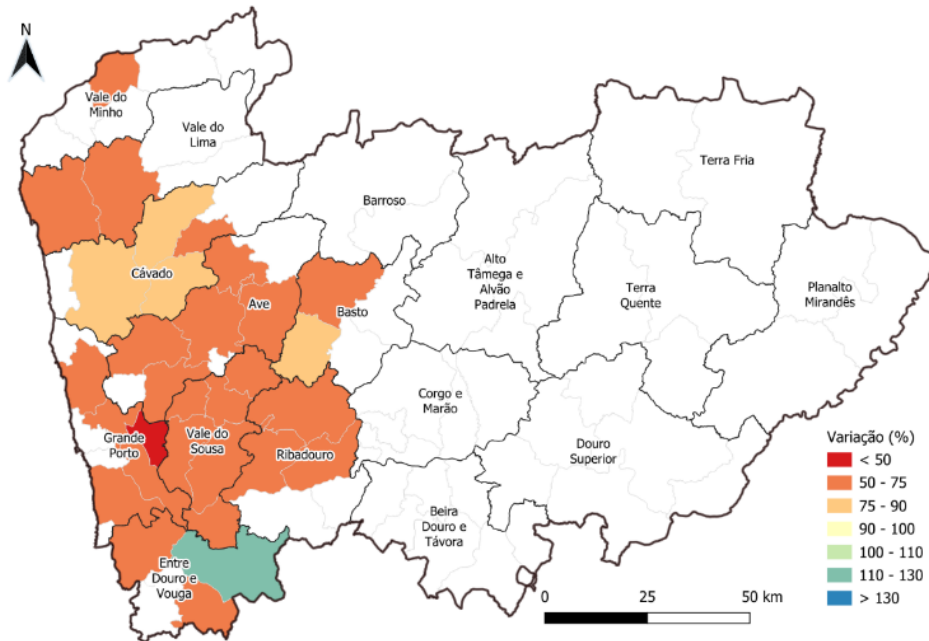
A cultura do kiwi apresentou, em 2025, melhor desempenho global, com aumento de produção relativamente ao ano anterior, apesar de forte heterogeneidade de calibres. Registaram-se problemas fitossanitários relevantes (PSA, *Botrytis*) e danos qualitativos associados ao Percevejo-Marmoreado-Castanho em algumas áreas.



Figura 40. Pomar de kiwi, 21.08.2025, Telões – Amarante, zona de observação de Ribadouro
Foto por: Joaquim Moreira



Figura 41. Pomar de kiwi, Correlhã – Ponte de Lima, zona de observação do Lima
Foto por: Sandra Coelho



Mapa 4 - Evolução da produção de kiwi por concelho (%), relativamente à média do quinquénio 2021 -2025.

Figueiras

Produção semelhante à do ano anterior, limitada por temperaturas elevadas no verão, que afetaram a qualidade do fruto.

Mirtilos

Os mirtilos registaram boa floração e aumento de produção, entre 10 e 20%.

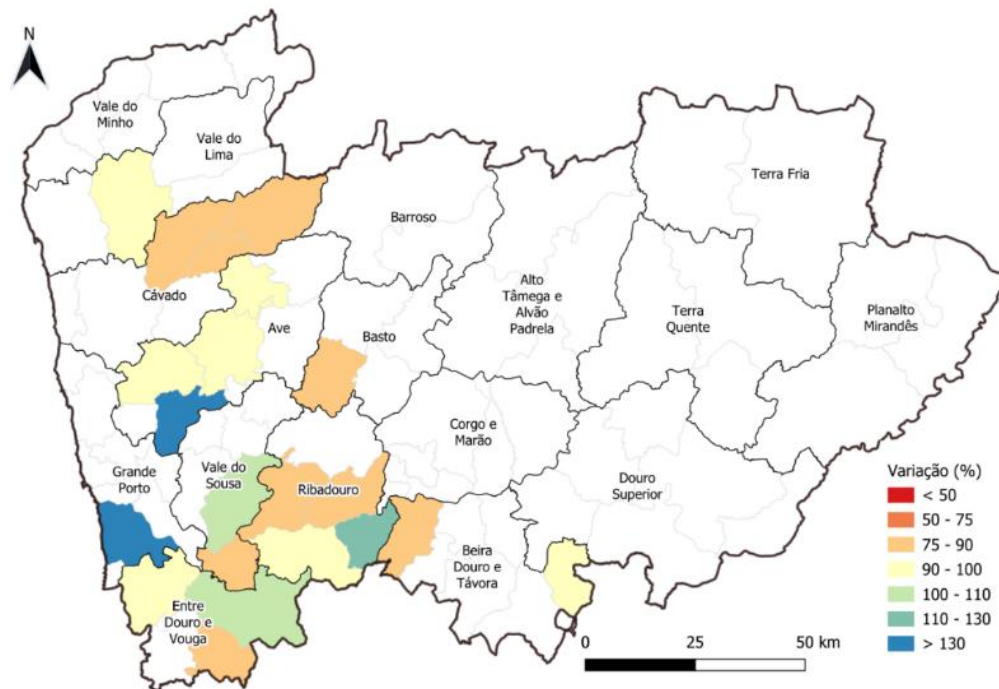


Figura 42. Pomar de mirtilo, com variedade mais tardia, entre os estados de plena floração e início da queda das corolas, Junqueira, zona de observação do Lima
Foto por: Sandra Coelho

Contudo, verificaram-se dificuldades de comercialização devido à fruta mole, com rejeições pós-colheita e escassez de mão-de-obra, apesar de a pressão de pragas se ter mantido globalmente controlada.



Figuras 43 e 44. Pomar de mirtilos com muita fruta vingada e bom estado sanitário, zona de observação do Minho
Fotos por: Aurora Alves



Mapa 5 - Evolução da produção de mirtilo por concelho (%), relativamente à média do quinquénio 2021 -2025.

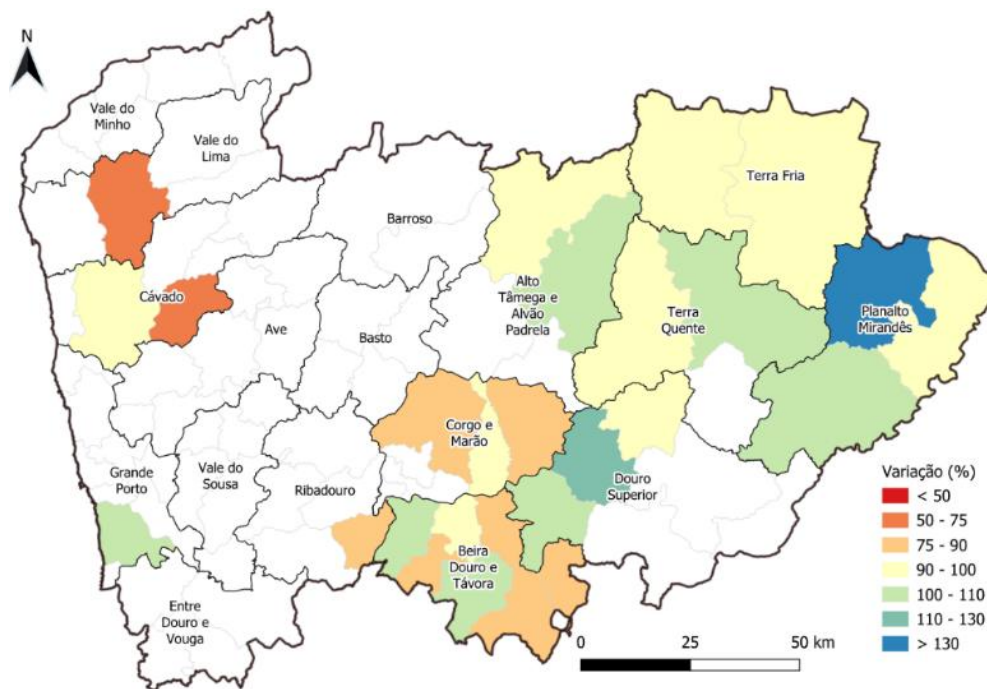
5.2 Trás-os-Montes

Pomóideas e prunóideas

Na campanha 2024/2025, traduzida no QPV 2025, a área ocupada com maçã e pêra em TM manteve-se relativamente estável, com uma ligeira redução para a maçã, cuja produtividade apresentou decréscimo pouco significativo. A produtividade global da pêra para a região foi mais elevada (+13,5%), resultado do bom vingamento dos frutos após a floração, mas também da alternância desta espécie.

Durante o acompanhamento mensal das culturas, a previsão apontava para uma quebra na produção de maçã, o que acabou por não se verificar. Registou-se uma ligeira redução de produtividade na Beira Douro e Távora no início da colheita (na variedade Royal Gala), que não foi traduzida no QPV25 numa tentativa de elevar os valores de produtividade global da cultura na região, que se encontram um pouco abaixo dos reais.

De assinalar o aumento de área de marmelo (+94%), que nos últimos anos tem ocupado um papel importante enquanto cultura permanente, sobretudo no Planalto Mirandês, Terra Fria, Terra Quente e Douro Superior (embora nem toda a produção seja colhida).



Mapa 6 - Evolução da produção de maçã por concelho (%), relativamente à média do quinquénio 2021-2025.

No que diz respeito às prunóideas, a área ocupada pelas ameixeiras e pelos pessegueiros sofreu uma redução, acompanhada por quebra de produtividade (mais acentuada nos pessegueiros – 38,7%) devido à forte pressão de doenças criptogâmicas e às condições meteorológicas desfavoráveis ocorridas no mês de abril – chuva, noites frias e episódios de geada durante a floração, bem como de granizo na fase de crescimento dos frutos.

As cerejeiras tiveram comportamento diferente, com aumento de área cultivada (+7,8%) e produtividade (+24%), face ao ano anterior.

Para isto contribuiu o aumento da procura de cereja na **Beira Douro e Távora**, com os produtores de maçã a apostar nesta cultura como complemento da sua atividade principal. Tal como na cultura da maçã, durante o acompanhamento mensal da cultura, a perceção era de que ocorreria uma quebra na produção, o que não se verificou, registando-se um aumento significativo. Efetivamente, no início da época de colheita de 2025 registou-se uma quebra de produtividade /produção nas variedades de cereja temporãs da Beira Douro e Távora, por motivos relacionados com as condições meteorológicas.

Contudo, as variedades tardias tiveram comportamento diferente (positivo) e essa recuperação foi refletida nos dados do QPV25.

Houve também uma tentativa de aproximar gradualmente a produtividade da cereja de Armamar com a cereja de Lamego, resultado, entre outros, da maturidade dos pomares.



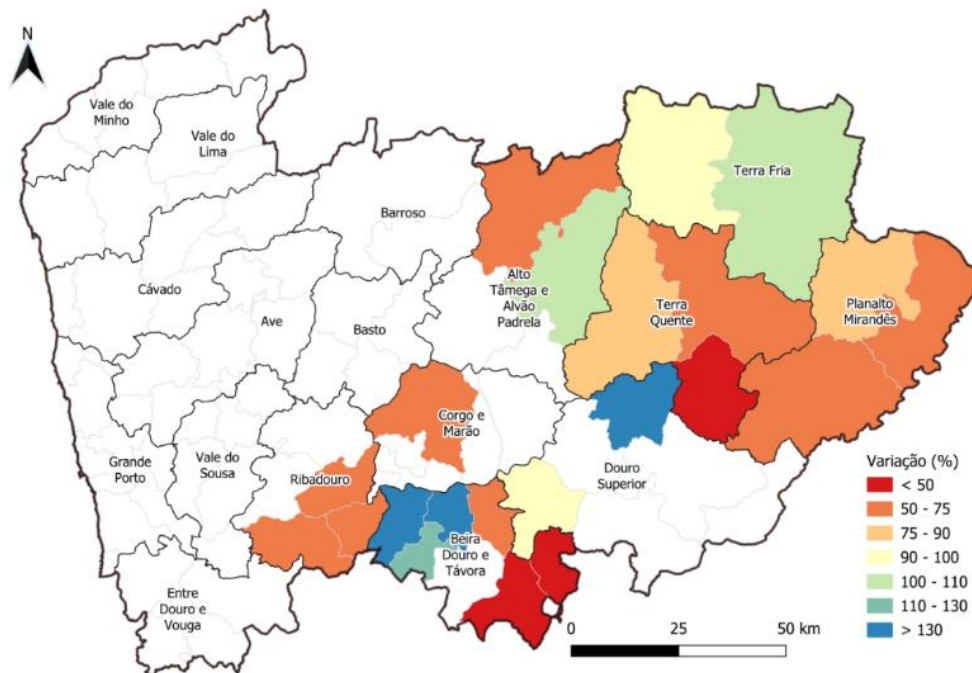
Figura 45. Cerejeira com grande quantidade de frutos, 17.06.2025, Britiande – Lamego
Foto por: Suzana Fonseca

A produção de cereja na **Terra Quente** também foi influenciada pelas condições do clima, com as noites frias e a ocorrência de precipitação a prejudicar a floração e o vingamento dos frutos, provocando a perda de grande parte da produção das variedades mais temporãs. As primeiras cerejas apresentaram baixos teores de açúcar e calibre médio, tendendo para pequeno/médio. Estima-se que a produção das variedades mais precoces tenha sido cerca de 80% inferior, face a um ano normal.

Pelo contrário, as variedades semi-precoces e tardias apresentaram uma boa produção, uma vez que a floração ocorreu num período com menores níveis de precipitação e temperaturas mais favoráveis. De forma geral, estas variedades compensaram parcialmente as perdas iniciais, estimando-se uma quebra global de produção na ordem dos 20%.

Durante os meses de maio e junho verificaram-se ataques intensos de Mosca da Cereja (*Rhagoletis cerasi*) e de Drosófila-da-asa-manchada (*Drosophila suzuki*), que contribuíram para a degradação de parte da produção.

No mercado, observou-se ainda a concorrência de produto importado, principalmente de Espanha, a preços mais competitivos. Os produtores consideram os preços praticados demasiado baixos, tendo em conta que os custos com a colheita representam cerca de 50% do valor obtido na venda.



Mapa 7 - Evolução da produção de cereja por concelho (%), relativamente à média do quinquénio 2021-2025.

Na **Terra Fria**, onde Vinhais é o concelho onde a cereja tem maior representatividade, verificou-se uma ligeira diminuição de área, acompanhada pelo aumento da produção em cerca de 10%, quando comparado com o ano anterior. Este aumento ficou justificado pelas boas condições registadas durante a floração, visto que neste caso as variedades são de floração mais tardia.

Figueira

A área ocupada com figueiras em TM tem seguido uma tendência de aumento, justificada pela procura deste fruto pelos consumidores nacionais, quer na forma fresca quer enquanto fruto seco. Em 2025 o aumento de área foi de 28%.

Trata-se de um produto cujo consumo em fresco era essencialmente regional, mas que passou a ser encaminhado/comercializado para mercados fora de zona de produção.

Devido às suas reduzidas exigências hídrica e edafoclimática, a cultura representa uma alternativa interessante nas sub-regiões onde as temperaturas são elevadas e a precipitação reduzida – Terra Quente, Planalto Mirandês e Douro Superior – onde está perfeitamente adaptada.



Figura 46. Figueira com boa produção, Penajóia – Lamego
Foto por: Suzana Fonseca

Em TM existem duas épocas de produção de figo – no início do verão encontramos o “figo lampo”, com maturação precoce, e no final de agosto/início de setembro, por altura das vindimas, temos o “figo vindimo”, que corresponde à principal produção das figueiras.

Em 2025 as condições meteorológicas ao longo do ciclo vegetativo foram favoráveis ao “figo lampo”, com temperaturas moderadas durante a fase de crescimento dos frutos, ao contrário do que se tinha verificado no ano anterior. A ocorrência de precipitação nos meses de maio e junho garantiu uma boa disponibilidade hídrica, que se traduziu numa produção global positiva de frutos com bom calibre.

Em relação ao “figo vindimo”, as condições meteorológicas foram globalmente desfavoráveis durante o ciclo vegetativo, com as temperaturas a registar valores demasiado altos no verão, embora dentro do que é normal para a época do ano. A falta de água foi um fator de desequilíbrio para as características dos frutos, que se apresentaram em menor quantidade e com calibre médio. Em comparação com o ano anterior, estima-se uma quebra de produção na ordem dos 40%, com frutos de calibre médio a grande.

Para além da produção de figo fresco, na região transmontana também é tradicional a produção de figo seco, que este ano ficou aquém das quantidades esperadas.

Apesar de haver menos figos e destes serem de menor tamanho, o tempo decorreu favorável para que a secagem decorresse sem humidade, tornando-o num produto com melhor qualidade.

Mirtilo

A área ocupada por mirtilo em TM manteve-se estável, com a produtividade a registar um aumento de cerca de 17%, face a valores do ano anterior. Tratou-se de um ano positivo para esta cultura, onde as necessidades hídricas foram supridas.

Morango

As condições meteorológicas durante o ciclo vegetativo foram desfavoráveis para o morango sob coberto da **Terra Quente** (principal zona de produção em TM), nomeadamente devido aos períodos de muitas nuvens e de quedas de água acentuadas no período da floração. Os produtores não puderam abrir os estufins para entrar o sol, pelo que o início das colheitas aconteceu mais tarde que no ano anterior.



Figura 47. Plantação para produção de morangos e pormenor dos frutos, 13.05.2025, Sernancelhe
Fotos por: Suzana Fonseca

O morango produzido ao ar livre é colhido mais tarde, tendo beneficiado da melhoria das condições meteorológicas. A colheita decorreu normalmente, ainda que mais tarde, sem quebras de produção face ao ano anterior. Grande parte do produto foi escoada para França e para a indústria transformadora. Contudo, os produtores tiveram dificuldade em encontrar mão-de-obra para esta operação.

Nas grandes superfícies verificou-se, como já vem sendo usual, concorrência de produto importado de Espanha.

6 Frutos de casca rija

6.1 *Entre Douro e Minho*

Apesar de pouco representativos, os principais frutos de casca rija na região de EDM são a castanha e a noz.

Na campanha de 2025, a castanha apresentou produtividade variável consoante as zonas, com calibres reduzidos e problemas de qualidade associados ao défice hídrico, pragas e doenças

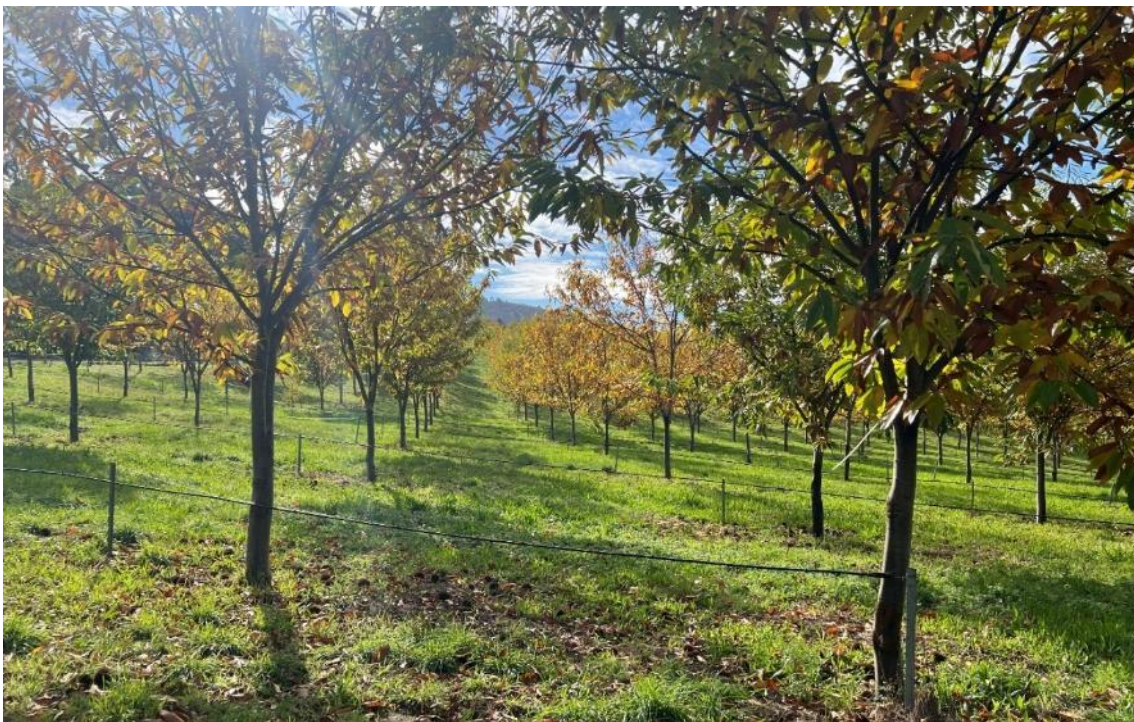


Figura 48. Plantação de castanheiros com seis anos, mas onde a produção ainda é muito baixa, zona de observação do Minho

Foto por: Aurora Alves



Figura 49. Castanheiro, 19.09.2025, Valadares – Baião, zona de observação de Ribadouro
Foto por: Joaquim Moreira



Figura 50. Ouriços em fase de abertura, Meixedo – Viana do Castelo, zona de observação do Lima
Foto por: Sandra Coelho

A noz teve produção idêntica ou superior à de 2024, embora com incidência significativa de Bacteriose (*Xanthomonas campestris* pv) e ataques de Mosca-da-Casca-Verde em árvores não tratadas.

A avelã manteve expressão reduzida e produtividades baixas.

Posteriormente, e apesar das amendoeiras se terem desenvolvido em boas condições vegetativas, o verão quente e seco teve repercussões na produção, com a maturação a ser “acelerada” e com os frutos a atingirem calibres inferiores.

Este fenómeno foi mais acentuado em pomares de sequeiro, sem sistema de rega.



Figuras 51 e 52. Mesma parcela de amendoeira em 18.03.2025 e 15.09.2025, Castelo Branco - Mogadouro
Fotos por: Miguel Martins

Durante o verão, as temperaturas no interior transmontano superaram frequentemente os 40°C, sem que ocorresse qualquer precipitação. O elevado grau de aridez provocou a desidratação generalizada das culturas e das infestantes, que passaram a constituir material combustível nas parcelas (mesmo quando controlada, a matéria seca permaneceu no terreno), contribuindo para a ocorrência de incêndios no **Douro Superior**, os quais provocaram a destruição de diversas culturas, incluindo amendoeiras, cuja eventual recuperação só poderá ser avaliada na nova campanha agrícola.

Por esse motivo, a produção de amêndoa nos concelhos de Freixo-de-Espada-à-Cinta, Torre de Moncorvo e Vila Nova de Foz Côa teve quebras na ordem dos 32%, face aos valores do ano anterior.

Na **Terra Fria** a cultura teve um aumento de 23 hectares (em especial no concelho de Bragança), com o ciclo vegetativo a decorrer sem percalços, com boa floração e vingamento do fruto. A produtividade foi superior, comparativamente ao ano anterior – situando-se nos 900kg/ha nos pomares em plena produção – com um acréscimo médio de produção na ordem dos 10%.



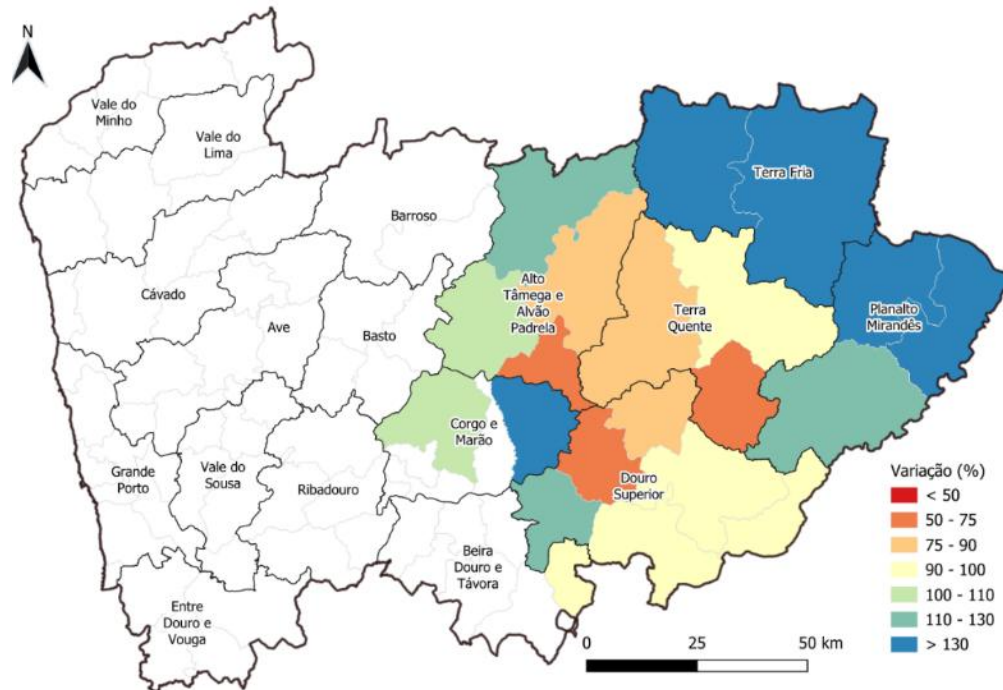
Figura 53. Aspeto de um amendoal em regime de sequeiro e pormenor das amêndoas, Vinhais
Fotos por: Anabela Coimbra

Na **Terra Quente** o período de floração do amendoal ficou marcado por algumas adversidades, com as baixas temperaturas noturnas a reduzirem o número de flores vingadas. Posteriormente, o prolongado período de seca e de temperaturas muito elevadas contribuiu para a redução do calibre do grão, afetando o rendimento.

Apenas os amendoais com regadio – pouco representativos nesta sub-região – conseguiram atenuar estes efeitos, tendo-se apurado junto dos produtores uma quebra média de produção na ordem dos 50%.

Registou-se ainda a concorrência de amêndoa importada de Espanha e de outras proveniências nacionais.

A área de amendoal **em produção** em TM manteve-se estável, comparativamente com a campanha anterior. No entanto, e em resultado das condições de stress hídrico e dos incêndios do mês de agosto, a produtividade global da cultura sofreu uma diminuição considerável (-27,7%).



Mapa 9 - Evolução da produção de amêndoa por concelho (%), relativamente à média do quinquénio 2021 -2025

Aveleira

O desenvolvimento vegetativo e a colheita decorreram dentro da normalidade, embora no final do ciclo se tenham registado temperaturas elevadas.



Figura 54. Aspeto de um pomar de avelãs em regime de sequeiro e pormenor das avelãs caídas no solo, Gostei - Bragança
Fotos por: Anabela Coimbra

Os produtores declaram que os pomares jovens estão cada vez mais produtivos, com as produtividades a superar as do ano anterior e a atingir os 1200kg/ha. A comercialização também decorreu sem percalços, com a produção a ser totalmente vendida.

Contabilizou-se um aumento de área (+4,6%) e de produtividade (+19,9%), sobretudo na Terra Fria, onde a área plantada teve um acréscimo de 2 hectares.

Castanheiro

No início do ano, registou-se um acumulado de horas de frio superior ao ano anterior no **Planalto Mirandês**, levando a prever que seria um bom ano para a cultura da **castanha**. Contudo, o stress hídrico sentido nos meses de verão e início de outono ditou a queda da produtividade, originando em muitos casos frutos de calibre pequeno, que caíram precocemente das árvores e foram rejeitados.



Figuras 55 e 56. Castanheiro adulto com pormenor dos ouriços e das castanhas, 13.10.2025, Bruçó – Mogadouro. Embora em relativo bom estado vegetativo, o desenvolvimento e a produtividade ficaram aquém do esperado, dada a nula precipitação no período de maior demanda de água (os frutos ficaram com calibres pequenos)

Fotos por: Miguel Martins

A agravar esta situação estiveram os graves incêndios de agosto, que levaram à destruição de vastas áreas de soutos, nomeadamente na **Beira Douro e Távora**, onde as quebras de produção globais se estenderam até aos 18%, com os concelhos de Penedono e Sernancelhe a atingirem quebras de cerca de 40% da produção do ano.



Figuras 57 e 58. Soutos totalmente ardidos em Penedono (esq.) e em Sernancelhe (dir.), 26.08.2025.
Fotos por: Suzana Fonseca

A castanha assume-se como a cultura mais representativa e de maior importância económica da Terra Fria, tendo-se verificado em 2025 um aumento de área de 376 hectares, face ao ano anterior.

Em resultado das condições meteorológicas, o ciclo vegetativo sofreu um atraso, com forte impacto dos stresses hídrico e térmico no período de verão. A maturação também foi mais tardia e a campanha da apanha, embora tenha decorrido sem percalços, foi longa, uma vez que precipitação esteve sempre presente.



Figura 59. Aspeto dos ouriços e das castanhas da variedade Bouche de Bétizac, setembro de 2025, Vinhais
Foto por: Anabela Coimbra

O preço manteve-se elevado e estável durante todo o período de comercialização, o que recompensa parcialmente a quebra produtiva associada ao clima. Os operadores do setor ligados à transformação/comercialização declararam que não se verificaram constrangimentos durante esta fase.

A fileira da castanha no nordeste transmontano está fortemente ameaçada, pois a cultura enfrenta vários problemas fitossanitários, que se apresentam como uma ameaça cada vez maior. As pragas e as doenças dizimam soutos centenários e as alterações climáticas são outro fator que destabiliza os castanheiros, enfraquecendo as árvores e deixando-as mais vulneráveis.

Em 2025 a colheita teve início a 13 de outubro na área de mercado dos Soutos da Lapa, seguida da Terra Fria a 20 de outubro e só mais tarde na Padrela, em 03 de novembro. A comercialização decorreu até à primeira semana de dezembro, em todas as áreas de mercado acompanhadas.

Nogueira

O aumento de área plantada com nogueiras na **Terra Fria** (principal zona de produção) foi de cerca de 11 hectares, distribuídos pelos concelhos de Bragança e de Vinhais, valor ligeiramente superior ao da campanha anterior.

O ciclo da cultura decorreu com normalidade, com a colheita a iniciar-se a 14 de outubro com temperaturas elevadas e ausência de precipitação. Estas condições mudaram no final do mês, momento a partir do qual se instalou a precipitação abundante, durante dias consecutivos, dificultando o final da apanha, a operacionalização das máquinas e a secagem dos frutos.

Segundo declarações dos produtores, os calibres foram ligeiramente inferiores aos da campanha anterior e verificaram-se maiores assimetrias nos frutos. Apesar disso, o grão foi de excelente qualidade e a taxa de defeito foi muito reduzida (cerca de 1%).

Esta foi uma campanha que se aproximou da normalidade para a área em causa, com produtividades ligeiramente superiores às do ano anterior, não se tendo verificado constrangimentos no circuito de comercialização. Os agentes económicos reafirmam que seria necessária mais produção para satisfazer a procura pelo produto.



Figura 60. Aspeto de um pomar de noqueiras, com pormenor das nozes em regime de sequeiro, Quintela - Vinhais
Fotos por: Anabela Coimbra

Em 2025, e na região de TM contabilizou-se um aumento de área (+3,2%) e de produtividade (6,1%).

Pinhão

Registamos um aumento de área de pinheiro manso (*Pinus pinea*) para produção de pinhão (+1150%), mais acentuada na Terra Quente.

A produção total ainda é reduzida, uma vez que se trata de pinhais jovens e alguns ainda nem entraram em produção.

7 Uva para vinho e de mesa

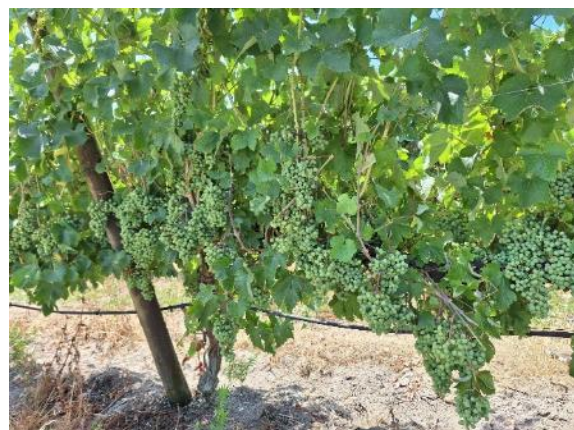
7.1 *Entre Douro e Minho*

A vinha apresentou boa qualidade sanitária, com produção de uvas de qualidade, beneficiando das condições do verão e na fase de vindima. A produção foi variável entre sub-regiões, sendo superior à de 2024 em algumas zonas e inferior noutras, sobretudo em regime de sequeiro.

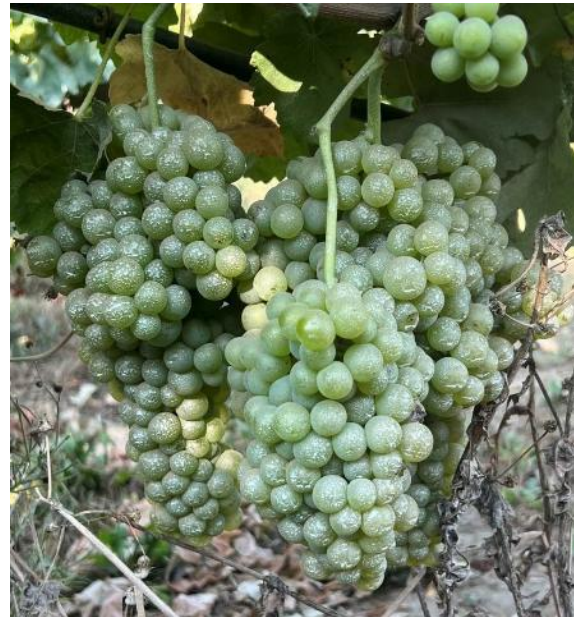
Mantiveram-se dificuldades na comercialização do vinho, com retração da procura e maior prudência dos operadores.



Figura 61. Vinha da casta "Alvarinho" no estado fenológico L - fecho do cacho, zona de observação do Minho
Foto por: Aurora Alves



Figuras 62 e 63. À esquerda: vinha em 17.06.2025, Vila Boa de Quires – Marco de Canavezes. À direita: vinha em 25.08.2025, Celorico de Basto, zona de observação de Ribadouro
Fotos por: Joaquim Moreira



Figuras 64 e 65. Vinha da casta "Loureiro", na maturação e em bom estado sanitário, zona de observação do Minho
Fotos por: Aurora Alves



Figuras 66 e 67. Cachos de uva da casta "Vinhão" (esq.) e da casta "Loureiro" (dta.), Arcos de Valdevez, zona de observação do Lima
Fotos gentilmente cedidas pela Eng.ª Tânia Rodrigues da EVAG/CVRVV

7.2 Trás-os-Montes

A vinha foi uma das culturas com comportamento mais heterogéneo na região transmontana, face aos resultados da campanha anterior.

Dados do Pedido Único mostram que a área de vinha para vinho no **Douro Sul** tem vindo gradualmente a descer, porventura fruto da conjuntura atual na Região Demarcada do Douro (RDD), onde os produtores se mostram bastante desanimados com a atividade.

Também a produção total sofreu quebras nesta campanha, devido à forte pressão de doenças como o Míldio (*Plasmopara viticola*), o Oídio (*Erysiphe necator*) e a Podridão Negra ou *Black rot* (*Guignardia bidwellii*). Nos concelhos afetados pelos incêndios, esta foi uma das culturas permanentes que sucumbiu à força das chamas, muito próximo da data da vindima, com a consequente perda de produção.



Figura 68. Cachos de uva de casta branca, 26.08.2025, Armamar

Foto por: Suzana Fonseca

Nas sub-regiões do Douro Superior e do Corgo e Marão, a vinha sofreu grandes quebras de produção, associadas a ocorrência das doenças criptogâmicas. Os níveis de precipitação na primavera foram muito elevados, com grandes períodos sem possibilidade de realização de tratamentos fitofarmacêuticos, condicionando a capacidade de resposta dos produtores à pressão destas doenças, que em muitos casos se mantiveram na cultura até à vindima. Alguns concelhos apresentaram quebras de produção superiores a 50%.

No **Planalto Mirandês** a vinha apresentou, no geral, um bom desenvolvimento ao longo do seu ciclo vegetativo, apresentando em alguns locais (nos pontos altos) um ligeiro atraso no abrolhamento, fruto talvez de uma primavera ainda chuvosa e fria em certos períodos. Essa situação resultou, em alguns locais, numa floração um pouco mais tardia e coincidentes com períodos de maior calor, aumentando a exigência para as plantas.

Alguns dos produtores declararam quebra na produtividade, outros um aumento muito ligeiro e outros ainda mantiveram os dados idênticos aos do ano anterior. No geral, registou-se uma leve descida, apesar da cultura na região ter sido poupada a ataques de fungos ou pragas.



Figura 69. Vinha no estado de "cachos separados", 13.05.2025

Fotos por: Miguel Martins



Figura 70. Vinha na fase de "pintor", a poucas semanas da vindima, 05.08.2025



Figura 71. Cacho de uvas na fase de maturação, 11.09.2025

Fotos por: Miguel Martins



Figura 72. Linha de receção de uvas em laboração, Adega na Bemposta – Mogadouro, 22.09.2025

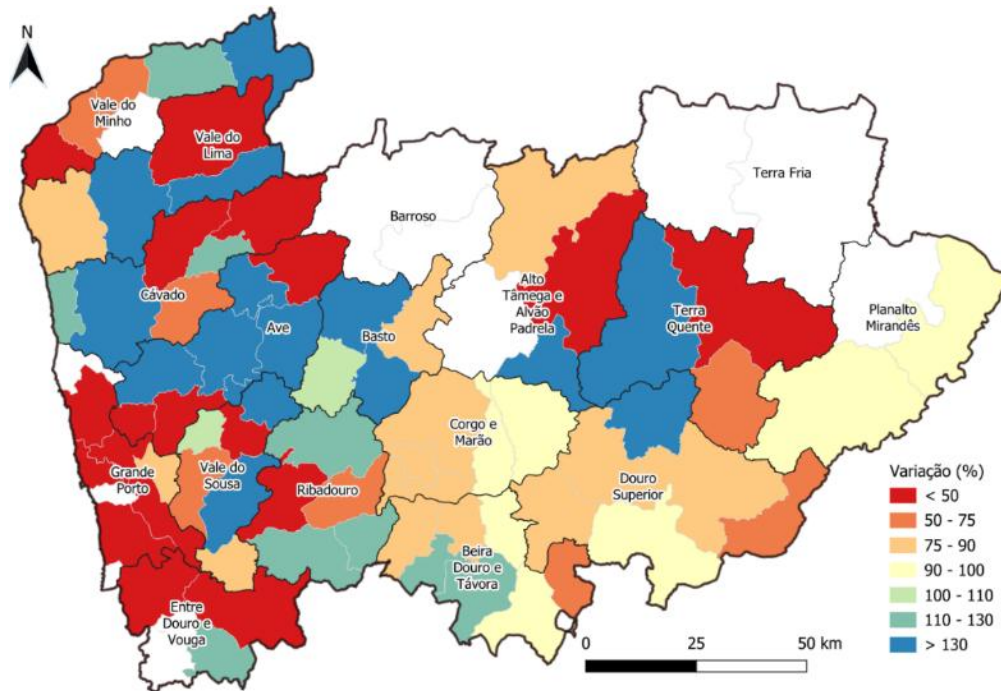
Na **Terra Fria** a área de vinha foi considerada igual à do ano anterior. O ciclo vegetativo das videiras foi considerado normal, tendo sido necessária uma monitorização mais próxima, com realização de tratamentos fitossanitários preventivos com menores intervalos de tempo entre si, uma vez que as oscilações térmicas e a precipitação durante a primavera poderiam desencadear o desenvolvimento de doenças criptogâmicas nas plantas.



Figura 73. Uvas tintas descarregadas no tegão de descarga de uma unidade de transformação, Rebordelo - Vinhais
Foto por: Anabela Coimbra

O tempo quente e seco sentido durante o verão teve impacto na cultura, que nesta campanha foi menos produtiva.

A vindima foi antecipada e mais curta, com as uvas a apresentarem-se em excelente estado sanitário, apesar da produção ser menor (-20% que no ano anterior). Os mostos tinham boa qualidade e elevado teor de açúcar, resultando em vinhos de teores alcoólicos médios de 14,5% Vol. nas uvas tintas e de 13,6% Vol. nas uvas brancas.



Mapa 10 - Evolução da produção de uvas para vinho por concelho (%), relativamente à média do quinquénio 2021 -2025

8 Azeitona para azeite e de mesa

8.1 Entre Douro e Minho



Figura 74. Oliveira com frutos em crescimento, Meixedo - Viana do Castelo, zona de observação do Lima
Foto por: Sandra Coelho

Após uma campanha anterior fraca, a campanha 2025/2026 revelou-se muito favorável, com boa floração, elevado vingamento e aumento significativo da produção.

Persistiram, no entanto, dificuldades de transformação em algumas sub-regiões devido ao encerramento ou excesso de procura nos lagares. Houve registo de dificuldades na apanha da azeitona e laboração nos lagares, por falta de mão-de-obra.



Figura 75. Oliveira com muita oliveira vingada, zona de observação do Minho
Foto por: Aurora Alves



Figura 76. Azeitona pronta para entrar no lagar de Cossourado – Barcelos, zona de observação do Cávado
Foto por: Maria Laura

A qualidade do azeite produzido foi globalmente boa, embora muitos olivais tradicionais continuem vulneráveis a ataques de Mosca-da-Azeitona e Gafa, pela ausência de tratamentos fitossanitários regulares.

8.2 Trás-os-Montes

A campanha da azeitona em TM foi muito heterogénea, com algumas sub-regiões a registar acréscimos de produção e outras a registar diminuições.

No geral, assinala-se uma diminuição da área plantada com olival para azeitona de mesa de 7,6% e um aumento de 0,9% de área de olival para azeite. Em ambos os casos, a produtividade assumiu quebras a rondar os 30%, devidas ao stress hídrico no período estival e ao efeito dos incêndios nos concelhos do Douro Superior.

Na campanha de 2024/2025, o **Planalto Mirandês** registou um acréscimo de produção de azeitona na ordem dos 10-15%, por comparação com o período homólogo anterior.

O rendimento da azeitona num dos lagares da região rondou os 14%, equivalendo a uma funda de azeite de 7,1-7,2.

Esta campanha coincidiu com um de vários anos em que a precipitação foi regular e equilibrada, sem excessos, e em que as horas de frio surgiram no momento certo e em quantidades adequadas. No cômputo geral, os resultados obtidos traduzem o bom estado vegetativo das plantas e dos frutos, que se refletiram na produtividade alcançada.



Figuras 77 e 78. Oliveiras antigas com boa produtividade em 13.12.2024 (esq.) e 15.11.2024 (dir.), Penas Roias e Vilarinho dos Galegos, respetivamente. As azeitonas ficaram naturalmente enrugadas ao atingir o ponto de maturação, por perda de água e retenção de gordura pronta a extrair (azeite)

Fotos por: Miguel Martins

Na **Terra Quente** as condições meteorológicas foram desfavoráveis para a cultura da azeitona ao longo da campanha. Apesar da floração ser abundante, registou-se um fraco vingamento das azeitonas devido às temperaturas elevadas que se fizeram sentir.

O verão caracterizou-se por uma situação de seca extrema e a precipitação ocorrida em outubro foi tardia, tendo contribuído para o aumento do calibre e peso da azeitona, mas sem impacto significativo no rendimento em azeite. Estima-se que a produção de azeite tenha diminuído cerca de 35% face ao ano anterior.

No mercado registou-se a presença de azeite proveniente de Espanha e da Tunísia, a preços mais competitivos, embora com qualidade inferior à do azeite produzido em Trás-os-Montes.

Na **Terra Fria** registou-se um aumento de área de 238 hectares, liderado pelo concelho de Bragança com 198 hectares.

As condições climatéricas também não foram favoráveis à cultura, com as oscilações térmicas e a ocorrência de trovoadas na época da floração a ter um impacto negativo no vingamento dos frutos, agravado pelo verão muito quente e seco. A variedade “Santulhana” foi aquela onde se observaram menos frutos vingados.

A colheita começou a meio do mês de novembro, tendo decorrido sem constrangimentos, apesar das dificuldades por ser sempre realizada com precipitação elevada. Foi uma campanha longa, que terminou a meados do mês de janeiro.



Figura 79. Aspeto da azeitona num olival tradicional em regime de sequeiro, Izeda - Bragança

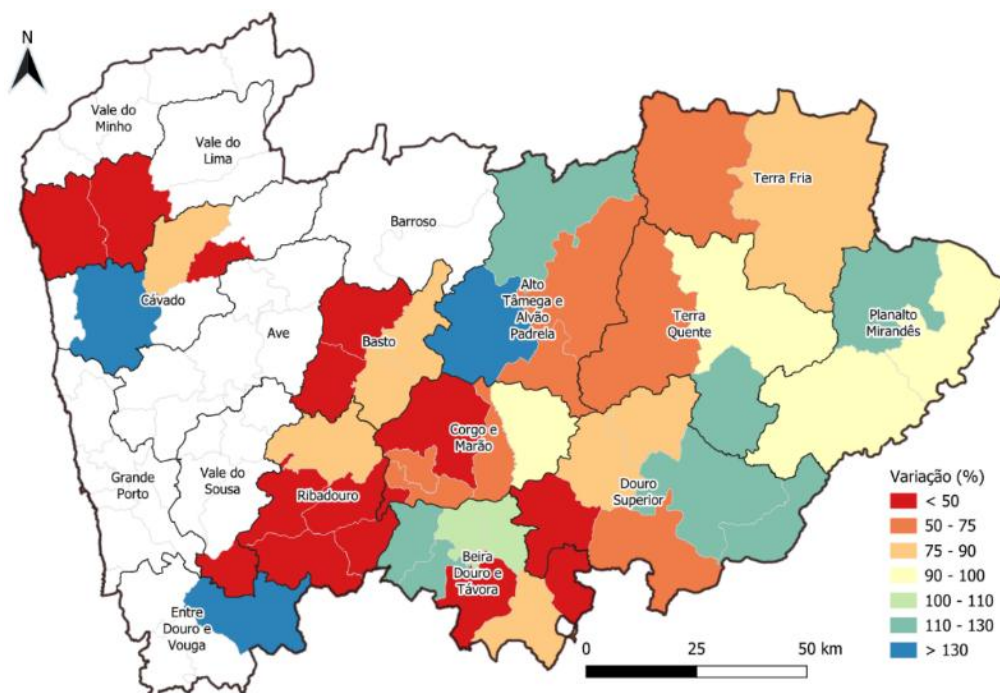
Fotos por: Anabela Coimbra

Figura 80. Aspeto do azeite da Terra Fria, Izeda - Bragança

A produtividade média de 850kg/ha foi cerca de 30% inferior à contabilizada no ano anterior. Contudo, os responsáveis dos lagares declararam, de forma unânime, que a azeitona apresentava boa qualidade fitossanitária, com baixa taxa de Mosca, resultando em azeite de excelente qualidade.

No **Douro Sul** a área plantada com azeitona de mesa sofreu uma redução de cerca de 10%, em linha com o que aconteceu na totalidade da região de TM. Os preços praticados na área de mercado, por quilo de azeitona, são em grande parte responsáveis por esta diminuição de área. As quebras de produtividade situaram-se nos 30%, que tal como já foi referido, se ficaram a dever ao stress hídrico e aos incêndios ocorridos no mês de agosto.

A área plantada com azeitona para azeite manteve-se relativamente estável, mas apresentando alguma tendência de descida (-0,8%). A produtividade apresentou quebras na mesma ordem de grandeza (-30%), a que se ficaram a dever as causas já enumeradas.



Mapa 11 - Evolução da produção global de azeitona para azeite por concelho (%), relativamente à média do quinquénio 2021 -2025

9 Prados, pastagens e culturas forrageiras

9.1 *Entre Douro e Minho*

Os prados, as pastagens e as culturas forrageiras tiveram, em 2025, uma campanha globalmente favorável, beneficiando amplamente da disponibilidade hídrica do inverno e primavera, registando produtividades superiores à média.



Figura 81. Paisagem agrícola, Rio Frio – Arcos de Valdevez, zona de observação do Lima
Foto por: Sandra Coelho



Figura 82. Corte de forragens, Padrão – Sistelo, zona de observação do Lima
Foto por: Sandra Coelho



Figura 83. Ovinos em pastagens temporárias, Vila Verde, zona de observação do Cávado
Foto por: Maria Laura

Foram realizados cortes frequentemente fora da época ideal, devido à instabilidade do tempo, mas com boa qualidade da forragem.



Figura 84. Consociação azevém x tritcale com bom desenvolvimento vegetativo, zona de observação do Minho
Fotos por: Aurora Alves



Figura 85. Milho forrageiro no estado de grão pastoso, bem desenvolvido e pronto a ser colhido, zona de observação do Minho

9.2 Trás-os-Montes

Os prados, pastagens e culturas forrageiras registaram, em 2025, um desenvolvimento vegetativo equilibrado, do ponto de vista radicular, caulinar e foliar.

Em abril, no **Planalto Mirandês**, culturas temporárias como o azevém já estavam a ser cortadas e em maio já foi possível realizar corte nas pastagens permanentes. A partir de julho deixou de se registar precipitação e a superfície dos solos secou, resultando em quebras de produtividade face a igual período do anterior.

Na **Terra Fria** as pastagens e as culturas forrageiras tiveram um ótimo desenvolvimento, associado à disponibilidade hídrica no solo e ao tempo ameno. A ocorrência de alguma precipitação na primavera favoreceu o desenvolvimento de todas as culturas herbáceas.



Figura 86. Parcela de pastagem permanente, com quantidade significativa de matéria verde, 11.04.2025, Penas Roias – Mogadouro



Figura 87. Mesma parcela, em situação de seca à superfície do solo, 13.10.2025, Penas Roias – Mogadouro

Fotos por: Miguel Martins

As produtividades foram muito semelhantes às da última campanha, verificando-se uma produção elevada de feno, silagem e palha, assumindo valores normais para esta área de observação.

Segundo afirmações dos produtores pecuários, 2025 foi um bom ano para a reposição das reservas de feno nas explorações, com o setor a demonstrar segurança e solidez. Nesta sub-região o canal de comercialização da carne funciona bem e os produtores sentem confiança na atividade.



Figura 88. Cultura forrageira, mistura de aveia com leguminosas e luzerna, junho 2025, Gostei - Bragança



Figura 89. Aspeto da matéria verde no silo, junho de 2025, Gostei - Bragança

Fotos por: Anabela Coimbra

Cultura	Área em 2024 (ha)	Área em 2025 (ha)	Variação (%)
Pastagens temporárias	4089	4208	+3%
Aveia forrageira	8466	8255	-2,5%
Consociações anuais	1806	1542	-15%
Azevém	715	769	+8%
Leguminosas forrageiras	156	122	-22%
Milho forrageiro	1685	1583	-6%
Sorgo forrageiro	1586	1531	-3,5%
Raízes e couves forrageiras	887	767	-13,5%
Outras forrageiras	201	233	+16%
Pastagens permanentes semeadas	2371	2531	+7%
Pastagens permanentes melhoradas	36849	37824	+2,6%
Pastagens permanentes pobres	65965	64521	-2,2%

Quadro 2. Áreas de pastagens e culturas forrageiras em Trás-os-Montes, em 2024 e 2025 (valores arredondados à unidade)

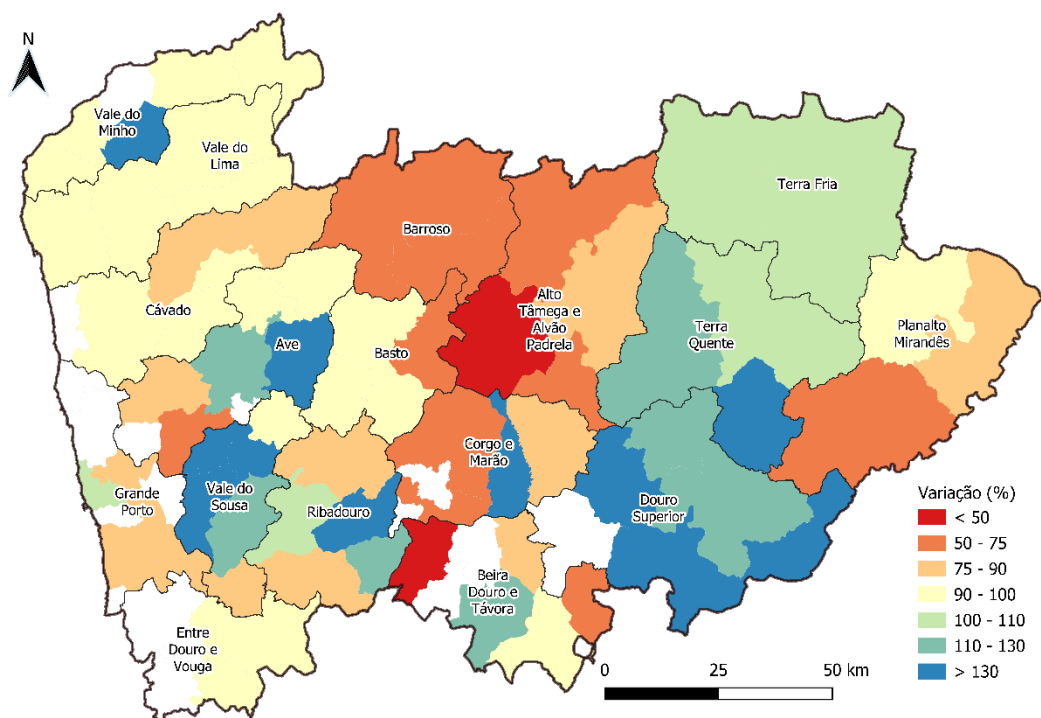
Fonte: Quadro de Produção Vegetal (QPV) 2024 e 2025



Figura 90. Corte de feno em pastagem permanente de sequeiro, Gostei - Bragança

Figura 91 Aspetto dos rolos de feno, lameiro de sequeiro, Bragança

Fotos por: Anabela Coimbra



Mapa 12 - Evolução da produção global de pastagens permanentes melhoradas por concelho (%), relativamente à média do quinquénio 2021-2025.

10 Fitossanidade

10.1 Entre Douro e Minho

As condições meteorológicas registadas na primavera – elevada humidade relativa, precipitação frequente e temperaturas amenas – foram favoráveis ao desenvolvimento de doenças criptogâmicas em diversas culturas, nomeadamente Míldio na vinha (*Plasmopara viticola*), na batata (*Phytophthora infestans*) e nos citrinos (*Phytophthora* spp.), *Botrytis* em citrinos e mirtilos e Bacterioses no kiwi (PSA).



Figura 92. Míldio no cacho



Figura 93. Desavinho e bagoinha



Figura 94. Erinose e Míldio na folha

Apesar das dificuldades na realização atempada dos tratamentos fitossanitários, decorrentes da instabilidade do tempo, a maioria das situações foi controlada sem impactos generalizados significativos na produção, embora à custa de aumento do número de intervenções e dos custos de produção.

Registou-se a presença ou agravamento de algumas pragas, destacando-se o Percevejo-Marmoreado-Castanho (*Halyomorpha halys*) no kiwi, a Mosca-do-Mediterrâneo (*Ceratitis capitata*) em citrinos e fruteiras diversas, bem como dificuldades persistentes no controlo da Traça-da-Batateira e de insetos do solo na cultura do milho.



Figura 95. Fruto de kiwi picado pelo Percevejo-Marmoreado-Castanho, zona de observação do Minho

Foto por: Aurora Alves



Figura 96. Estragos causados pela queda de granizo em novembro (provocada pela tempestade "Cláudia"), Vila do Conde, zona de observação do Grande Porto

Foto por: Alexandre Torres

Ao longo de 2025, a Estação de Avisos de EDM emitiu 15 Circulares de Avisos de carácter regular e uma Circular de carácter excecional (decorrente da ocorrência de um episódio severo de queda de granizo). Esta Estação de Avisos faz o acompanhamento das culturas agrícolas mais importantes para a região de EDM, incluindo nas suas recomendações os cuidados a ter com o Buxo (*Buxus sempervirens* L.), planta ornamental de folha persistente, muito utilizada nos jardins da região por estar bem-adaptado à topiária.

10.2 Trás-os-Montes

Tal como no EDM, em TM os produtores realizaram durante o período de inverno as operações culturais próprias da época – podas e limpeza de terrenos, entre outros.

Na primavera, a precipitação intensa e frequente atrasou o desenvolvimento das plantas em cerca de 2 semanas e promoveu ataques severos de algumas doenças, de onde destacamos o Pedrado nas pomóideas (*Venturia inaequalis*), a Podridão Negra na vinha e o Míldio na vinha e na batata, por serem as que têm maior impacto económico nas culturas da região.

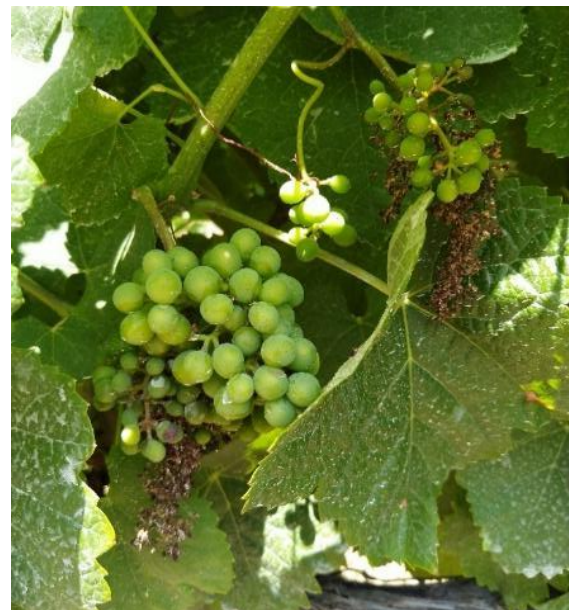
No **Douro Sul**, principal zona de produção de maçã a Norte, os produtores tiveram alguma dificuldade em realizar os primeiros tratamentos preventivos contra o Pedrado, com a elevada pressão da doença a provocar perdas significativas nos pomares e os pequenos frutos a ficarem seriamente comprometidos.



Figuras 97 e 98. Presença de Pedrado nas folhas (esq.) e nos pequenos frutos (dir.), 17.06.2025, Armamar
Fotos por: Suzana Fonseca

Na Região Demarcada do Douro são de assinalar os ataques severos de Míldio e Oídio (*Erysiphe necator*) na vinha, decorrentes não só das condições meteorológicas, mas também de algum desalento dos produtores que, face à perspectiva de não ter a quem vender as uvas no final da campanha, optaram por adiar as primeiras intervenções fitossanitárias tentando reduzir os custos da atividade.

Num ano com níveis de humidade tão elevados na primavera, esta não se revelou a melhor estratégia, comprometendo grande parte da produção.



Figuras 99 e 100. Presença de Míldio nas folhas (esq.) e nos cachos (dir.), 17.06.2025, Peso da Régua
Fotos por: Suzana Fonseca



Figuras 101 e 102. Ataque severo de Oídio na vara e nos cachos, 26.08.2025, S. João da Pesqueira
Fotos por: Suzana Fonseca

Nos castanheiros jovens da **Terra Fria** verificaram-se ataques de *Xyleborus díspar*, inseto de pequenas dimensões que perfura a casca e o tronco das árvores, provocando danos que se manifestam inicialmente no ritidoma e aos quais vulgarmente se chama Doença dos Sapos. Estes ataques foram localizados e distribuídos por toda a área de observação.

Registaram-se também ataques de Bichado da castanha (*Cydia splendana*) e de Vespa-das-Galhas do castanheiro (*Dryocosmus kuriphilus*), para os quais foram realizadas largadas do parasitóide *Torymus sinensis* nos meses de abril e maio, no âmbito da luta biológica preconizada para esta praga.

Segundo a comunidade académica e técnica que trabalha diretamente nesta temática, o ano de 2025 foi marcado pela reincidência generalizada dos ataques da Vespa-das-Galhas em locais onde em anos anteriores a taxa de parasitismo era elevada, com um aumento significativo de galhas infetadas e de árvores afetadas.

Toda a fileira da castanha está fortemente ameaçada e são os produtores que começam a sentir o maior impacto, uma vez que as produtividades dos soutos não são as esperadas, nem as que seriam potenciais para a região.

Os produtores estão mais conscientes que a luta biológica é a única forma de travar a progressão da praga, optando por práticas culturais e de gestão dos soutos que favorecem a multiplicação e expansão do parasitóide, conforme as recomendações técnicas.

Agravando a situação, as alterações climáticas com efeitos já visíveis no território contribuem para destabilizar a cultura e a respetiva produção total.



Figura 103. Aspeto de um ramo de castanheiro atacado pela *Dryocosmus kuriphilus* - Vinhais



Figura 104. Aspeto de um ramo de castanheiro atacado pela *Dryocosmus kuriphilus*, Espinhosela - Bragança

Fotos por: Anabela Coimbra